

# PARADIGMAS 1

*Osiris Reis  
Eric Novello  
Bruno Cobbi  
M. D. Amado  
Jacques Barcia  
Roberta Nunes  
Romeu Martins  
Cristina Lasaitis  
Richard Diegues  
Camila Fernandes  
Maria Helena Bandeira  
Ana Cristina Rodrigues  
Leonardo Pezzella Vieira*

**TARJA**  
editorial

Copyright © 2009 Tarja Editorial

**EDITOR:** Richard Diegues

Todos os direitos desta edição reservados à Tarja Editorial. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, de forma alguma, sem a permissão formal, por escrito da editora ou do autor, exceto para citações incorporadas em artigos de crítica ou resenhas.

**REVISÃO:** Camila Fernandes

**PROJETO GRÁFICO:** Mila F  
Richard Diegues

**CAPA:** Mila F

1ª edição no verão de 2009 - *Impresso no Brasil*

**DIAGRAMAÇÃO:** Richard Diegues

---

#### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

Paradigmas 1 / Richard Diegues, Jacques Barcia, M. D. Amado, ... [et al.]. -- São Paulo : Tarja Editorial, 2009. -- (Paradigmas ; 1)

ISBN 978-85-61541-09-5

1. Contos brasileiros: Literatura brasileira: Coletâneas - I. Diegues, Richard. II. Barcia, Jacques. III. Amado, M. D. IV. Cobbi, Bruno. V. Nunes, Roberta. VI. Novello, Eric. VII. Fernandes, Camila. VIII. Lasaitis, Cristina. IX. Vieira, Leonardo Pezzella. X. Martins, Romeu. XI. Bandeira, Maria Helena. XII. Rodrigues, Ana Cristina. XIII. Reis, Osiris. XVI. Série.

CDD-869.9308

---

#### ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira

869.9308

**TARJA**  
editorial

LITERATURA FANTÁSTICA MUITO ALÉM DOS GÊNEROS

[2009]

**TARJA EDITORIAL LTDA.**

Rua Piatá, 633

Santana - São Paulo

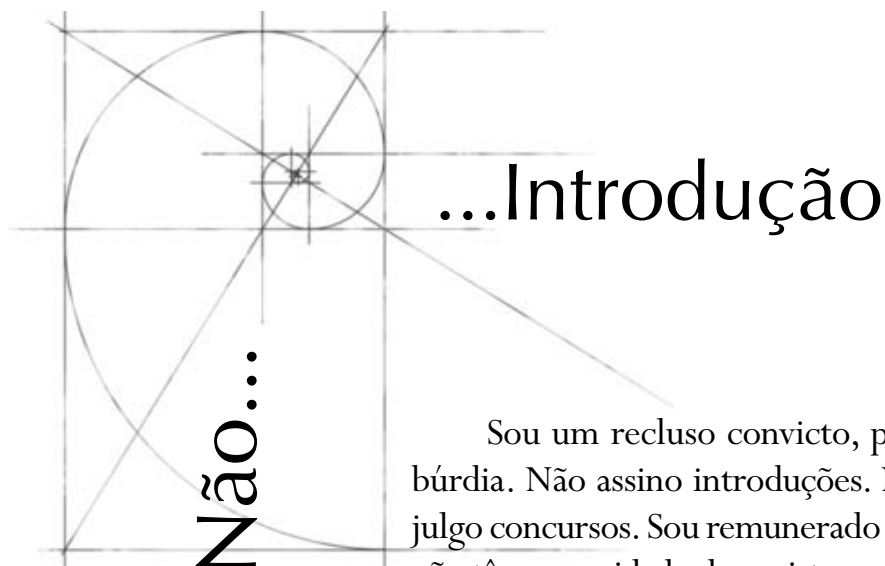
CEP 02080-010 / SP

editora@tarjaeditorial.com.br

www.tarjalivros.com.br

www.tarjaeditorial.com.br

Todas as citações e nomes incidentes neste livro são fruto do inconsciente coletivo de seus autores, devendo ser encarados como não intencionais. Caso sinta-se ofendido com algo nestas páginas, basta fechar a obra. Todavia, se resolver insistir, compreenda que o mundo não gira ao seu redor e coincidências realmente ocorrem. Todas as opiniões expressas nessa obra pertencem aos seus autores, mas o editor concordou em publicá-las, portanto, partilhar delas. Reclamar com ele não adiantará. Os animais que eventualmente foram feridos, molestados e traumatizados durante a produção desta obra não pertencem a espécies diferentes do *Homo sapiens*. A cola usada na lombada pode conter glúten. Sim, exercício provoca enfarto e TV causa retardamento mental. Vá ler!



## ...Introdução

Sou um recluso convicto, por opção. Repudio a balbúrdia. Não assino introduções. Não analiso originais. Não julgo concursos. Sou remunerado para escrever o que alguns não têm capacidade de registrar; outros, ânimo ou tempo.

Mas cá estou, desdizendo justamente meus princípios ora citados. Esfarelando meus próprios paradigmas entre minhas unhas amareladas. Cabe, então, procrastinar um tanto a cabo de deixar nota sobre minha motivação.

E assim foi o início:

*O que realmente está sendo feito de novo na literatura hoje em dia?  
(Só tudo que me empurram para leitura, pensei com ironia).  
Resta espaço para criar algo que não seja perecível?*

Na mensagem eletrônica que me atirava essas perguntas, nada mais, somente a palavra *Paradigmas*, em caixa alta, seguida de um *pense a respeito: Richard Diegues*. Apaguei. Não esqueci. A escrita em língua portuguesa me deu saudades do Brasil. Repensei e fui cavoucar a lixeira atrás das poucas linhas. A mensagem vinha de uma editora, constatei pelo endereço. Pensei: algo tão sucinto e direto só podia ter sido feito deliberadamente para embolsar minha atenção. Fiz, confesso sem vergonha, uma breve pesquisa. Apreciei o que encontrei. E, em nome da boa bibliotecite apenas, resolvi responder.

Desde então trocamos muitas palavras, indo e vindo. Conheci a idéia do rapazote mais a fundo. Tentei dissuadi-lo, recebi contra-argumentos (não tentaria vender um carro usado a ele), falamos de mídia digital, revistas convencionais, sucessos e fracassos, passados e futuros. Por fim, demo-nos nas traves, resolvendo rolar uma bola mais pessoal. Veio a ocorrer uma breve passagem minha pelo

Brasil, com ponte aérea em São Paulo. Calculei que poderia gastar umas duas horas em um almoço. Tomamos duas garrafas de vinho. Deixei a pelota passar entre minhas pernas. Recebi de Diegues uma leva de contos. E pregos para o caixão: *Livro é tara, coisa de colecionador. O sujeito que abre, folheia, cheira e, depois de ler, passa para outras mãos, sonhando um dia recebê-lo de volta. Os ruins retornam sempre, os bons ficam circulando pelo mundo. Não espero receber um volume do Paradigmas de volta.* Senhor Diegues, registro que foram essas as frases que me fisgaram, qual peixe.

E esse garoto, no sentido de ter o ânimo próprio dos ainda jovens, queria que eu fizesse uma leitura dos textos, indicasse os que julgasse mais interessantes e, de arremate, escrevesse uma introdução ao escopo do projeto. Presto serviços de escrita para uma dúzia de casas editoriais, escrevendo livros que se adéquam às fórmulas, aos paradigmas, por assim dizer. Não leio muito do que escrevo por desgosto pessoal. Resolvi então que leria algo por gosto. Sem prazos, seria interessante. Levei mais de um mês na leitura dos contos, para ser justo. E tal qual um deus (aqui caberia um impropério para explicar que não o sou), selecionei um bocado deles para a posteridade do preto no branco.

Não sei se esta realmente seria a introdução desejável para esta obra. Confesso que ela por si já é um paradigma. Ou vem de um em verdade. Quem há de desdizer? Eu os adoro de forma professa. Que este trabalho venha a ser uma mostra do que se deve fazer com eles. Copiar, seguir, embasar, desvirtuar, alterar, recriar, perverter, ignorar... tudo são facetas de um mesmo prisma, reflexos de reflexos de reflexos. O que vemos nesses modelos maquinais? O que quisermos! O que faremos após descobri-los? Ir ao limite e além!

---

O **Prof. Dr. Heraldo Assis Barber**, 86 anos, atua como consultor e *ghost-writer* para as maiores editoras do planeta, tendo preparado mais de 110 originais, vários deles *best sellers*. É mestre em Teoria Literária, doutor em Literatura Brasileira e em Literatura Norte-Americana, além de Ph.D em Literatura Inglesa. Possui 8 pseudônimos que lhe permitem escrever o que quiser sem se envergonhar, apreciar a companhia dos dois netos e caminhar com altivez até o Los Caracoles, seu restaurante de coração, para tomar uma boa taça do Imperial.



## ...Introdução

Quase...

Escrever uma introdução para explicar um projeto como o Paradigmas é uma tarefa dura. Dizer que reuni o melhor da produção literária da época atual, com os autores que realmente tem feito – ou farão – a diferença na atualidade é clichê demais. Além de óbvio! Explicar que a seleção dos textos foi feita com o intuito de prestigiar a literatura fantástica – independente de seus subgêneros – seria desnecessário. Falar sobre as discussões do projeto gráfico com a MilaF, envolvendo não apenas a imagem deste volume, mas toda uma concepção de projeto para a coleção, com a Espiral Áurea adotada como nosso arquétipo maior de um paradigma, a idéia da referência a uma “descoberta” diferente em cada volume – *Abra a porta! Abra a cabeça! Abra as asas!...* –, o tratamento do miolo do livro sem as amarras gráficas convencionais – quadradas e sempre estereotipadas –, permitindo um contato mais similar do leitor com uma revista de entretenimento do que com um livro acadêmico. Isso é interessante, mas nem tão relevante. Explicar que tudo nesse projeto foi pensado para inovar e firmar o conceito de paradigma, a página de rosto, a ficha técnica, até essa quase introdução, se tornaria redundante.

Como percebeu, eu desisti de fazer uma introdução de verdade (seja lá o que isso queira dizer). Abdiqueei dessa idéia em favor do Professor Heraldo – sujeito gentil que me quebrou o galho. Escapei pela tangente do carrossel. Mas não acabava por aí. Senti falta de algo mais. Ainda restava a apresentação do conteúdo da obra em si. Sempre é bacana falar um pouco dos contos, ambientar o leitor na idéia principal que o autor desenvolveu, dar

uma cara e clima ao texto. Mini introduções em cada obra. Você conhece isso: são aqueles textinhos que precedem a obra, geralmente em uma página separada, ou em seu início, com uma linha separando do texto propriamente dito. Resolvi que subverteria isso também. Primeiro, pedindo aos próprios autores que falassem sobre suas obras – ninguém melhor do que eles mesmos para fazer isso. Depois, não colocando os resumos antes de cada conto, mas sim aqui, no início da obra.

Mas ainda não havia acabado. Ainda era necessário falar um pouquinho sobre cada autor. Dar algo ao leitor para criar alguma proximidade. Passar o quem é quem afinal. O padrão seria colocar isso ao final de cada conto. Nova quebra. Mando logo de início esse tête-à-tête leitor-autor. Junto com as pequenas introduções.

E já que estou mudando tudo. E ainda precisava criar um índice, então resolvi juntar tudo. Creio que essa mistura será uma introdução melhor do que qualquer uma que eu pudesse escrever. Ela irá falar por si mesma. Útil, agradável e um bom paradigma para você.

**Richard Diegues**  
Organizador, inclusive!

## ...Introdução

[ 1 1 ] **MAI-NI Expressas** » **Richard Diegues** » autor dos livros *Tempos de Algória* (2009), *Sob A Luz do Abajur* (2007), *Magia – Tomo I* (1997), além de organizador e co-autor do livro *Visões de São Paulo – Ensaio Urbanos* (2006), co-autor dos livros *Histórias do Tarô* (2008), *Necrópole – Histórias de Bruxaria* (2008), *Necrópole – Histórias de Fantasmas* (2006) e *Necrópole – Histórias de Vampiros* (2005). Trabalha com eventos e palestras na área literária, atuando também como editor pela Tarja Editorial. Paga as contas como programador de computadores, consultor editorial para autores, rastreando hackers, e jogando bilhar. É o idealizador do projeto Paradigmas. Encomendas: richard@tarjaeditorial.com.br

[ 1 9 ] **Vento, Seu Fôlego. O Mundo, Seu Coração** » **Jacques Barcia** » é um escritor azul de ficção estranha. Tem contos publicados no Brasil e Romênia, em papel e prana. É editor da revista online *Terra Incógnita* junto com o rishi Fábio Fernandes, com quem também divide o blogue *Post-Weird Thoughts*. Quando não escreve, berra mantras e dança com duas belas apsarases. Preces: jacquesbarcia@gmail.com

[ 2 3 ] **Um Forte Desejo** » **M. D. Amado** » analista de sistemas, mineiro de Belo Horizonte, e participou do livro *Necrópole - Histórias de Fantasmas* (2006) com o conto *O Fotógrafo*. Possui contos publicados em vários sites e revistas eletrônicas. Desde 1996 mantém o site *Estronho e Esquêsito*, que, entre outras coisas, disponibiliza gratuitamente um espaço para que autores de literatura fantástica divulguem seus trabalhos. Na atualidade desenvolve dois projetos literários solo, que em breve se tornarão livros. Esquisitices: oguardiao@estronho.com.br

[ 2 9 ] **O Mendigo e o Dragão** » **Bruno Cobbi** » é tradutor, designer multimídia e escritor estreante. Descobriu seu talento para contar histórias através do RPG e atualmente é aluno da primeira turma do Curso de Pós Graduação em Formação de Escritores, em São Paulo. Fã de videogames, cinema e quadrinhos, é dono do blog *Aprendiz de Escritor* e editor do blog *d3system*. Grimórios: [bruno@cobbi.com.br](mailto:bruno@cobbi.com.br)

[ 3 7 ] **Una** » **Roberta Nunes** » gosta tanto de literatura que não suporta quem a maltrata. Publicou alguns textos em listas de discussão de literatura e blogs literários, tendo um trabalho publicado o livro *Visões de São Paulo – Ensaio Urbanos* (2006). Atualmente tenta, com afinco, se dedicar aos blogs pessoais *Profana?Eu?*, onde escreve suas desventuras e ao *Estilhaços de Alma*, dedicado a críticas de livros, peças teatrais, filmes, eventos e de bares onde a cerveja teima em não gelar. Porradas: [ro\\_profana@yahoo.com.br](mailto:ro_profana@yahoo.com.br)

[ 4 3 ] **Fogo de Artífício** » **Eric Novello** » autor dos romances *Dante – o Guardião da Morte* (2004) e *Histórias da Noite Carioca* (2005). Participou do livro *Necrópole – Histórias de Bruxaria* (2008) com o conto *De Fumaça e Sombras*, possui mais de 60 contos e crônicas online e mantém atualmente o site *Fantastik* de divulgação de literatura fantástica nacional. É tradutor e trabalha como crítico literário e de cinema para o portal de arte *Aguarrás*. Está trabalhando em um romance de Fantasia Urbana com o mesmo protagonista de Fogo de Artífício. Estratagemas: [cericn@gmail.com](mailto:cericn@gmail.com)

[ 5 1 ] **Aqui Há Monstros** » **Camila Fernandes** » alter ego de Mila F. Enquanto Camila Fernandes assina contos e revisões, Mila F, é ilustradora especializada em pintura digital e capista desta edição. Lançou seus primeiros contos no *NecroZine*, depois, participou dos livros *Necrópole – Histórias de Vampiros* (2005), *Necrópole – Histórias de Fantasmas* (2006), *Visões de São Paulo – Ensaio Urbanos* (2006) e *Necrópole – Histórias de Bruxaria* (2008). No momento, tem desenhado muito, feito revisão de textos para editoras e autores independentes e preparado seu livro solo. Canetadas e pinceladas: [camilailustradora@gmail.com](mailto:camilailustradora@gmail.com)

[ 6 1 ] **Sinfonia Para Narciso** » **Cristina Lasaitis** » Não sabe dizer se é uma cientista que se apaixonou pela ficção ou se é uma escritora que se apaixonou pela ciência. Autora da coletânea de contos de ficção científica e fantasia *Fábulas do Tempo e da Eternidade* (2008) e participante do livro *Visões de São Paulo – Ensaaios Urbanos* (2006). Sua imaginação vive uma constante viagem, e ela sonha com o dia em que poderá viver de contar histórias. Atualmente mora com seus pais e vive catando as traças da sua biblioteca de estimação. Experiências: [christie36@uol.com.br](mailto:christie36@uol.com.br)

[ 7 1 ] **A Lenda do Homem de Palha** » **Leonardo Pezzella Vieira** » engenheiro que escrevia poesias. Dono de um forte hábito de leitura, participou de grupos de escritores e trocou as poesias pelos contos e pequenos romances de terror e ficção. Publicou no *Jornal da Praça* e em diversos sites de contos e crônicas. Participou do livro *Visões de São Paulo – Ensaaios Urbanos* (2006). Seus textos podem ser encontrados em seu blog pessoal, o *Monologando*. Colheitas: [leo\\_pvs@hotmail.com](mailto:leo_pvs@hotmail.com)

[ 7 9 ] **A Teoria na Prática** » **Romeu Martins** » jornalista especializado na área de divulgação científica, com ênfase em inovação tecnológica, é co-autor do livro *Conhecimento & Riqueza* (2007), o que o torna, na maioria das vezes, bastante cético quanto a avanços radicais em um futuro próximo. Resenhista e entrevistador, do site *Overmundo*, também é o criador do blog *Terroristas da Conspiração*. Teorias: [romeumcmartins@yahoo.com.br](mailto:romeumcmartins@yahoo.com.br)

[ 8 7 ] **O Combate** » **Maria Helena Bandeira** » formada em jornalismo, artista plástica. Menção Especial do *Prêmio Guararapes da União Brasileira de Escritores*. Conto Brasileiro do Mês da *Isaac Asimov Magazine*, indicada pra o *Prêmio Argos* em 2002, colaboradora do fanzine *Somnium*, da revista *Scarium* e do site português *E-nigma*. Participou das antologias *Anjos de Prata* (2001-2007), *Antoloblogue* (2007) e *FC do B – panorama 2006/2007* (2007) e *GRAGEAS - 100 cuentos breves de todo el mundo* (2007), na Argentina. Batalhas: [mhelband@globo.com](mailto:mhelband@globo.com)

**[ 9 3 ] O Templo do Amor » Ana Cristina Rodrigues**  
» escritora, historiadora, funcionária pública, professora, editora, agitadora cultural, roteirista e mãe. Balzaquiana, escreve para tentar calar as vozes (sem sucesso). Já apareceu com contos em diversos sites brasileiros e internacionais. Está escrevendo um romance de fantasia histórica alternativa. Histórias: [anacrisrodrigues@gmail.com](mailto:anacrisrodrigues@gmail.com)

**[ 1 0 3 ] Madalena » Osiris Reis** » cursou três semestres em Medicina, e três em Mecatrônica, até assumir o gosto pela narrativa. Autor do livro *Treze Milênios – Gênese Vermelha* (2006), o primeiro de uma saga de Ficção Científica e Terror. Escreveu o conto *Bandeiras*, publicado na *Scarium Megazine*. Estudante do curso de Audiovisual (TV, Rádio, Cinema), trabalha com roteiros de cinema e HQ. Lendas: [osirisreis@gmail.com](mailto:osirisreis@gmail.com)



# MAI-NI Expressas

Este é um conto futurista com os dois pés na atualidade. Durante um bom tempo eu venho organizando um universo plausível, onde os grandes países capitalistas derrocaram e os emergentes manobram cordões para tomar as rédeas do globo. Esse conto é um filamento dessa enorme trama que estou desenvolvendo em forma de romance. Ele explica alguns conceitos e se passa antes do que trato em meu livro. Creio que irão rotular essa história como um *cyberpunk* à latina. Tudo bem... Qualquer outro rótulo pode se aplicar a ela também. Quebrar o paradigma, tornando a trama secundária aos personagens, mantendo coesa toda a história. Foi isso o que pensei. Poucas palavras, dezenas de conflitos. Um texto para uma ou dez leituras. Espero ter conseguido isso.

## Richard Diegues

Era uma entrega fácil. Nível três no máximo, pelo que a tela do *armtop* acusava. Fizera uma nível quatro pela manhã, no norte do país, onde ainda havia uma pequena guerra civil estourando, bem na divisa com o que restava do Suriname. Se todos os países fossem tão fáceis de anexar quanto o Paraguai e a Venezuela, as entregas seriam muito mais tranqüilas. Entre apanhar a carga do remetente e a assinatura eletrônica do destinatário, havia levado uma hora e meia naquele último trabalho. Nesse agora, entre conseguir entrar no prédio e aguardar a carga, já levava vinte minutos. Seu bolso agradecia a demora, sua paciência, não.

Quando o homenzinho surgiu no corredor, veio acompanhado de dois “orangotangos” – diferentes dos tradicionais “gorilas”, sempre grandes, esses eram pequenos, mas davam pinta de serem mais ágeis. Cid conhecia aqueles tipos. Nos últimos tempos, vinha fazendo muitas entregas para sujeitos assim. O prédio era fachada, sabia disso. O homenzinho também. Carregava nas mãos uma caixa pequena. Menos mal. Sua Shadow Runner agradecia o pouco peso.

– Aqui está a encomenda. Tem o endereço?

Ao menos não perguntou a Cid se ele era o Entregador. Isso era óbvio. O bordado da MAI-NI Expressas estava em seu colete de couro, bordado em um tom fúcsia fluorescente que alguém um dia deve ter achado exuberante. Era óbvio, assim como o fato de que um Entregador sempre tem o endereço. Nenhum seria idiota de aceitar uma carga sem saber aonde iria com ela. Exceto um NI-1, é claro! Todo um trabalho de pesquisa era realizado, incluindo rodovias em melhor estado, postos de fronteira, tropas do governo nas áreas de acesso, pequenas

guerrilhas, clima e até o percentual de *nitro* dos postos de abastecimento que estivessem em seu roteiro.

– Tenho – o Entregador grunhiu, antes de arrancar a caixa da mãozinha do sujeito. – O que vai aqui?

– Documentos – o Orangotango Um respondeu.

– Não agite demais – complementou o Dois. – Papel é artigo raro e delicado.

Documentos uma ova. Quem lacraria papel dentro de uma CCB – Caixa de Contenção sei lá o quê? Cid não sabia o significado do “B” na sigla, mas intuía ser referente a uma bomba biológica ou algo igualmente letal. Mas isso não importava. Se não tivesse culhões, não teria passado nos testes para Entregador, muito menos chegado a NI-6 – “o mais alto nível possível, parabéns, meu rapaz!” –, uma espécie de Mossad das encomendas expressas.

Ele bailou os dedos no teclado de seu *armtop*, fazendo-o cuspir uma etiqueta com um *3D code*. Adesivou a carga e jogou-a na mochila que carregava nas costas. Automaticamente o conteúdo foi selado entre suas camadas de feltrogel. A outra metade da etiqueta, com o chip RF, foi colada na viseira do seu capacete.

– Perguntas? – grunhiu o Orangotango Dois, vendo que Cid se encaminhava para a saída.

Havia um código de conduta na MAI-NI Expressas que aconselhava – sem muita veemência – manter a cordialidade com os clientes. Confusão era aceitável com não-pagadores, mas não era bem-vista com os “bons fregueses”. Entregadores ganhavam bônus sendo durões, mas, se passassem de trinta bonificações no mês, cruzavam uma fronteira invisível, depois da qual começavam a ser vistos como encrenqueiros. E encrenqueiros não pegavam muitas entregas. Como já estava com a carga, tecnicamente seu cliente passava a ser o remetente.

– Só uma: como é que sujeitos tão lentos de idéia conseguem coordenação para lambar as bolas dos chefes?

Não era uma pergunta retórica. Ela exigia ação. Os cabos dos cassetetes retráteis – hidráulicos pelo leve chiado – surgiram de dentro das mangas dos paletós direto para as mãos dos dois homens. Eles queriam ouvir o som de ossos quebrando. Era a reação esperada. O Entregador odiava aquele tipo de sujeitos. De verdade. A questão no momento era se teriam coragem para tirar os olhos do bordado NI-6 no peito de Cid e partiriam para cima dele.

Quando os orangotangos trocaram um olhar discreto, o homenzinho saiu em disparada para o corredor de onde viera. Pela carreira, já sabia bem do que um NI-6 era capaz. Os outros só se deram conta disso quando seus braços já

havam se tornado tocos, com as extremidades voando em todas as direções, junto com fragmentos dos cassetetes. Nessa altura, a pistola do Entregador já estava no coldre e ele cruzara a porta de saída, caminhando calmamente.

Na rua, dois *Punkoftruths* deram um salto quando o motor da Shadow Runner saiu do *hibernate* para a partida. Era um ronco equiparável a um pequeno prédio desmoronando. O escapamento esportivo, a ausência de miolo e as 2.850 cilindradas faziam isso. Cid estava a dez passos deles, ajustando a correia do capacete e checando os sensores que piscavam na viseira. Passou direto pelos *Punkoftruths* e montou na motocicleta. Com meia dúzia de comandos vocais, fez o sincronismo do GPS da Shadow Runner com o 3Dcode em seu capacete. Ganhou a pista lentamente, deixando os garotos curtirem a visão.

Enquanto cortava os carros pela esquerda a mais de 660 km/h, na BR-153, Cid resolveu se plugar ao Hipermundo. A Transbrasiliana era maçante e o visual, depressivo – mas o asfalto era como bunda de modelo fotográfico depois dos tratamentos digitais. Seu capacete estalou ao procurar a banda de conexão, sua viseira escureceu por um milésimo de segundo e a rodovia escura passou para tons que varriam o espectro entre o amarelo e o vermelho em mais de um milhão de cores – exatamente como dizia a propaganda do fabricante. Ele havia programado seus tons preferidos. A pista sob os pneus ficou verde como grama recém-aparada. Todos os detalhes físicos eram replicados com perfeição, tais como curvas, desníveis e buracos, só que de uma forma muito mais aprazível. Carros e outros obstáculos apareciam a frente como animais selvagens, dinossauros, naves espaciais e, em raros casos, até mesmo como carros. Torcendo o acelerador ele saltou em dois segundos para os 1.200 km/h. Os dispositivos que cuidavam do corte das moléculas de ar na frente da motocicleta nem mesmo estalavam. Eles eliminavam a onda de choque causada pela compressão do ar e, de quebra, ainda davam uma aerodinâmica que permitiria que até mesmo um caixote quebrasse a barreira do som. Podia andar bem mais rápido se precisasse, mas queria curtir a paisagem virtual.

Glenda surgiu ao seu lado alguns minutos depois. Pilotava uma Speedy R1900 vermelha e dourada. Ele curtia o estilo das estradeiras, ela, as foguetinhos. A R1900 era o que existia de mais *high tech* em motociclismo, o sonho de consumo dos Entregadores. Mil e novecentos quilômetros por hora – “e o consumo mais baixo, para seu benefício e o do meio ambiente!”. Ela pilotava deitada

sobre o tanque, como se fosse uma com o metal. Eram duas belas máquinas. Cid acenou para o avatar da mulher.

– O que pega aí, NI-6? – ela transmitiu nos seus fones.

– Nem só paz, NI-6 – ele respondeu ao cumprimento, incluindo um tom de elogio ao citar o *upgrade* de nível, conquistado por Glenda uma semana antes.

– Tá de ZM também? – a garota perguntou, sabendo que se ele estava “fora de paz” era porque ia roer um osso duro. – Qual?

ZM era a abreviação de Zona Militarizada, uma analogia para “zona de guerra” ou “abaixe a cabeça, balas a passeio”. Glenda acabara de fazer um desvio com ângulo baixo, raspando a chapa de aço corrugado do joelho no chão e soltando um belo rastro de faíscas. Certamente estava ultrapassando um veículo longo em uma curva da pista física em que pilotava. O Hiper mundo simulava um *crossover* das rodovias onde eles se encontravam para mantê-los lado a lado, porém cada um enxergava apenas os obstáculos de sua própria realidade.

– Peguei carga pra ZM Del Plata, *el hoyo* Argentino – Cid respondeu de forma trivial, mesmo informando que iria cruzar a fronteira para um país em guerra.

– Catei a ZM dos Narcos, *la cola* de Colômbia. Vou pro oposto do teu *punto* – ela respondeu, mandando um *simulación* de beijo no visor dele. – Se vir alguma bagaceira subindo, me pluga na hora. – A motocicleta de Glenda abriu distância lateral na pista, cortando outro obstáculo invisível para ele, enquanto mais a frente uma bifurcação surgia. – Se eu sacar algo na minha rota também te plugo, fica frio. Beijão, senhor NI-6.

Ele acenou com a cabeça, depois pegou a bifurcação para a esquerda, onde uma seta fluorescente piscava para alertá-lo. Glenda devia estar vendo uma, em sua simulação, piscando na direita. Argentina e Bolívia estavam para entrar em guerra. Coincidentemente tinham entregas nesses países. A espinha de Cid deu uma esticada quando pensou sobre o que poderia estar carregando nas costas.

Cid havia programado o GPS da Shadow Runner para seguir para a alfândega de Uruguaiana, onde normalmente havia apenas dois ou três soldados. Até mesmo os Entregadores tinham que passar pela fiscalização para checagem de material de risco. Leia aí: armas de destruição em massa em pequenos pacotes rígidos. Ele tinha consciência de que os “documentos” que transportava não deveriam ser exatamente cartões de felicitações. Se fossem, não estariam em uma CCB. Hoje era possível colocar até duas ogivas de bombas de hidrogênio em uma caixa como aquela. O plano que traçou era simples: nada de freios.

Depois que se desplugou, solicitou uma varredura do posto de fronteira. Sua velocidade havia baixado para 400 km/h, pois estava a menos de 1.700 metros do local. No visor do seu capacete pipocaram quase trinta pontos. Justamente no dia em que ele resolveu furar o bloqueio, havia um pequeno exército lá. Os pontos começaram a se mover para um local apenas: a sua passagem. Nessas horas o som de sua motocicleta era uma desvantagem.

Ele podia agüentar a chuva de balas convencionais com seu macacão. As de fuzil podiam até detonar a sua moto ou quebrar umas costelas se acertassem em cheio. Mas o que era uma chuvinha de balas, afinal?

Baixou dos 400 km/h ao zero absoluto ao ver os lança-granadas com as miras travadas em seu peito.

Ao menos os soldados tinham respeito pelos Entregadores. Cumpriam seu trabalho – que era um servicinho de merda –, mas tratavam-no por “Cidadão”. Estava de pé, de frente para o balcão de entrada, onde seis fardados pareciam hipnotizados pelo bordado de NI-6 em seu traje. A julgar por dois soldados que mantinham os lança-granadas apontados para Cid e para sua motocicleta, era óbvio que já haviam atrasado a entrega de algum NI-6 no passado.

– O que tem na caixa? – o militar do lado oposto do balcão perguntou, observando-a sem ousar colocar as mãos nela.

– Documentos – Cid resmungou, entediado.

– Sei... – o garoto com a farda falou, tentando ser jocoso.

– Sim, tenho certeza de que sabe – Cid retrucou, conseguindo ser jocoso.

– Só poderei liberar a entrada dessa caixa após verificar seu conteúdo, senhor. O equipamento de raios X não funciona por causa do revestimento externo de chumbo e o ultra-som não cruza a capa interna de *cálcio-protot hardness*. Isso é uma CCB, temos que abri-la para ver o que contém – ele falou, parecendo que se desculpava por fazer seu trabalho.

– Temos um impasse então – Cid assumiu o tom de voz de um Entregador que estava com a entrega escorrendo do prazo. Um tom que geralmente precedia tiroteios.

O clima ficou mais tenso que uma rede de pesca que apanhasse um submarino nuclear. Cid viu o garoto engolir em seco, levando as duas mãos para baixo do balcão. Às suas costas, várias armas eram engatilhadas – todas já estavam devidamente destravadas desde que encostara no posto. O Entregador deu de ombros e começou a se afastar. A CCB ficou sobre o balcão.

– Aonde vai, senhor?

– Vou pegar minha motocicleta e dar uma volta. – Ele mantinha o tom neutro de voz. – Daqui a uns três minutos você pode abrir a carga e verificar o que tem aí dentro. Só espere eu me afastar bem daqui.

A expressão dos soldados valeria tranqüilamente mais do que a motocicleta de Cid.

– São documentos, não são? – o soldado gaguejou.

– Foi o que eu disse, não foi? – Cid colocou o capacete e a Shadow Runner rugiu.

O soldado olhou para o Entregador, depois para o pacote e por fim para a motocicleta.

– Ela é rápida?

– Quase 1.600 km/h. Vou estar longe daqui em meio minuto. Bem longe. – Ele sorria, largo e sincero.

– Apenas documentos! Sem problemas – o soldado falou, tentando ignorar uma gota de suor que escorria em sua têmpora enquanto gravava um carimbo *laser* na tampa da CCB.

Quarenta e dois minutos. Essa era uma das entregas mais longas na vida de Cid. Pelo menos estava concluída e o cliente, satisfeito. A mais demorada, recordista disparada, fora uma que pegara para a Patagônia. Ainda era um cabaço, NI-1, e esquecera de checar as condições climáticas. Nada de levar correntes para os pneus. Pilotar uma motocicleta em uma pista de gelo acima de 200 km/h é legal, mas as curvas são impossíveis.

Ele vinha na direção da fronteira, seguindo direto para Uruguaiana. O velocímetro estava a mais de 1.400 km/h, batia na faixa vermelha, e ele continuava acelerando. Dessa vez os soldados já haviam reconhecido o ronco da Shadow Runner de longe. Nessas horas o som de sua motocicleta era uma vantagem.

Sem se dar ao trabalho de reduzir ou mesmo de se desplugar do Hipermundo, ele cruzou um grupo de duendes, fadas e personagens de *cartoons* a quase 1.500 km/h. Viu no retrovisor dois cogumelos gigantes darem um rodopio e tombarem com o deslocamento de ar de sua passagem. Sabia que, no mundo real, deveriam ser as barreiras de estrada que os soldados haviam colocado de lado ao liberarem a sua passagem de volta ao Brasil.

Por pouco ele não se acabou na concha de um molusco gigante, ao fazer uma curva com os pneus se agarrando ao asfalto com a mesma aderência das unhas de um cão sobre o mármore polido. Cinco minutos nesse ritmo e algo realmente veloz passou rasgando por ele, ultrapassando-o como um borrão

vermelho. Quando o relâmpago reduziu e ele alcançou Glenda, os dois seguiram emparelhados, lado a lado na realidade virtual. Ela visivelmente se continha para não tornar a disparar. Ele acelerava ao máximo para acompanhá-la. Vários minutos se passaram e então a paisagem amarelo-avermelhada de Cid sinalizou em um azul-rosado. Ele concedeu a conexão e passou para a RV de Glenda. Viajavam juntos agora, fisicamente lado a lado na mesma rodovia, além de virtualmente. A paisagem dela era uma simulação de máquina de *pinball*. Era muito luminosa e animada, com um visual incrível, mas a todo instante Cid sentia que um batedor ia acertá-lo e arremessá-lo para trás, como uma bolinha de metal retorcido.

– Apeia na biriteira seguinte – Cid rompeu o silêncio estabelecido até aquele instante.

– *Roger!* – ela respondeu, amuada.

Assim que a primeira biriteira – como os Entregadores chamavam os botecos de beira de estrada – sinalizou no horizonte em um contorno de néon, os dois reduziram e embicaram na sua direção, arremessando cascalho para todos os lados. Estacionaram entre mais de uma dúzia de motocicletas na frente do lugar. Spider Dual, K-mik-Z, Noburo, Harley-Davidson, Taurus 666 e até mesmo uma outra Speedy R1900 estavam ali, com os motores ainda quentes e a fumaça branca e leitosa – quase zero de poluentes, sim, senhor! – saindo dos escapes. Os dois tiraram os capacetes e entraram no bar. Sentaram próximos a uma janela. Todos ali dentro estavam sentados perto das janelas. Cinco eram NI-6, os demais, sem exceções, eram NI-5. A elite das entregas estava enchendo a cara no meio do nada. E ninguém estava plugado.

– Sou Tobias – um homem forte, vestindo bermuda camuflada, regata branca e um avental, falou, colocando duas canecas de uma cerveja avermelhada sobre a mesa deles. – A pocilga é de vocês. – Ele pôs uma dose de tequila em frente a cada um deles, depois bateu uma continência e sorriu. – Essa é por conta da casa.

Enquanto ele se afastava, Glenda observou divisas de sargento tatuadas em seu braço direito. A cerveja não era gentileza, era retribuição patriótica, a permanente dose militar. No bíceps esquerdo havia o brasão da FAB. Era um militar na reserva, com toda certeza. Ela ergueu o copinho de tequila e entornou o conteúdo garganta abaixo, emborcando-o com força sobre a mesa. No mesmo ritmo, levantou a caneca de cerveja e deu um longo e tranquilo gole para rebater.

– Documentos do caralho! – ela falou alto, arrotando.

– A essa merda toda – Cid respondeu em voz ainda mais alta, caneca erguida.

Todos no salão ergueram um brinde, repetindo um sonoro “à merda” em coro. Nenhum deles faria outra entrega naquele dia. Encher a cara era uma necessidade.

– A gente podia pegar um quarto e, tipo, transar um pouco – Glenda falou, casual.

– É, até que *cola*. Se bem que não vai dar aquele clima, saca?

– É, não ia rolar um clima mesmo – ela respondeu, desanimada.

Os dois ficaram um tempo fitando o horizonte. Glenda apanhou seu capacete e descolou a etiqueta 3Dcode da viseira, depois começou a teclar em seu *palmtop*. Cada capacete ali tinha uma etiqueta assim. Cid sabia que ela consultava dados a respeito do remetente da sua encomenda. Seria algo como Bispo, Torre ou Cavalo, ele tinha certeza. E sabe-se lá mais quantos em outros bares por aí. Mas o verdadeiro remetente era um Rei de bosta, que ficava mandando *presentinhos* – vulgo *documentos* – para o tabuleiro alheio. Quantos teriam sido entregues naquele dia, tanto para um lado como para o outro?

Dividir e conquistar.

Quando os primeiros mísseis cortaram o ar no horizonte distante, cruzando-se em pleno vôo, todos os Entregadores colocaram seus vídeo-óculos e se conectaram ao Hiper mundo. Já haviam tido sua dose de realidade para mais de um ano.

Peões de merda!

A história do dia em que Prana caiu em fúria sobre Naravarta é dos meus textos preferidos. Foi ruminado por semanas, sem uma palavra digitada, e surgiu metade numa noite de sexta-feira, já com o prazo de entrega estourado. Além de um subtítulo que o leitor é convidado a desvendar, tentei dialogar e trazer para os “tempos atuais” dois dos maiores épicos já escritos, o Mahabharata e o Ramayana, ambos formadores da cultura da Índia. Com isso, tentei percorrer caminhos distantes da fantasia heróica tradicional, eurocêntrica, tolkeniana ou não, tão desgastada e já tão ausente de maravilhamento. A intenção, além da tentativa de uma boa história, foi levar o leitor desavisado a um lugar totalmente estranho, com conceitos unindo tecnologia e magia, mescla de mitologias e apropriação livre de conceitos como zen-budismo, mantras, elementos culturais e até personagens mitológicos. Minha estréia na ficção especulativa.

## Vento, Seu Fôlego. O Mundo, Seu Coração

# Jacques Barcia

Prana chegou chorando tempestade. Nuvem cor de câncer, amorfa, amarga e malévola. Uma coluna de ira, do mar ao firmamento, castigando a costa de Naravarta com flagelos de raios e ventos cortantes. Vestia sari branco dentro do tufão. Era seu décimo ano de luto.

“Fogo!”

E houve fogo subindo ao céu. O grito veio do topo da cidadela, confuso com todos os trovões, o tombo dos prédios e a sirene que por dias vinha tocando sem parar. De cima dos arranha-céus, centenas de canhões de mantras cuspiram a magia dos homens, cometas dourados rasgando a cortina do dilúvio. Deixavam como rastro o eco do som primordial.

O vento viu o fogo ascendente com pesar. Cada gutural dos monges balísticos ou cada traço de caligrafia divina nos mísseis intercontinentais, e mais, toda a agressão das usinas de chi e seus canais de feng shui, despejando gerações de karma ruim no fluxo vital do planeta, além das fábricas de papiro e chaminés fumegantes tocando o céu. Cada uma dessas coisas era uma pétala que caía de Padma.

Naravarta era doença, pensou Prana. Produzia doença. Consumia doença. Todo pai e todo filho. Toda mãe.

Foi perdido em pensamentos que recebeu o primeiro golpe. As ogivas chegaram vibrando, muitas delas explodindo mil sóis na couraça de vento leste que ele teceu como escudo. As que resistiram à parede externa morreram no turbilhão. Uma estrela solitária rompeu a nuvem e chegou ao silêncio do olho da tempestade, chocando-se contra o peito de Prana com o peso da mente inquieta. Lá fora, foi como se os homens tivessem visto a Lua cheia no inverno brilhar e se apagar no céu por um instante. Gritaram “jain”, sucesso, atravessado na garganta após anos e anos de guerras contra o deus infanticida.

Lá no alto, Prana foi arremessado quilômetros para trás em uma coroa de luz dourada. Com ele, parte do

oceano abaixo se abriu em miasma e logo explodiu, onda contra onda, arremesando milhões de metros cúbicos nos portos da cidade. Muralhas altas, reconstruções do ataque do ano anterior, tombaram com a força do tsunami. Finalmente, a água tomou de volta o seu espaço usurpado e levou de usura corpos às centenas.

“Recarregar! Reposicionar canhões!”, imperou Arunima. A voz da shátria em comando das defesas ecoou, do topo do minarete, pelas conchas de comunicação nos terraços e onde mais houvesse baterias de canhões. O espaço estava tomado por oficiais da divisão antiaérea e especialistas táticos zen. Podiam, todos, ver o tufão perdendo força, mas ainda assustador no horizonte. Palavra por palavra, veio o comando de uma nova investida. “Primeira bateria de vimanas, decolagem autorizada.”

“Entregue as crianças, Arunima”, berrou Cai Fo, embaixador zhonguo em Naravarta. O vermelho da túnica colado na pele, Cai Fo pendia com metade do corpo além do parapeito. Gesticulava rápido, apontando o norte. “Entregue-as e ordene a retirada das grávidas para longe daqui. Para Shambala, ou Meru! Se quer salvar seu país, curve-se à vontade do vento por mais este ano!”

Por cima do ombro, Arunima mirou o pequeno homem vestindo seda e ergueu o vajra em ameaça. A arma celestial faiscou com estática no ar. A voz da shátria, então, sibilou entre dentes serrados: “Abro um rombo em seu atma e mando você para um inferno desconhecido de sua raça, seu filho da puta, se sugerir essa idéia de novo”. Virou-se de volta para a janela do minarete, boca tremendo, nervosa. “Prana não toca em nossos filhos nunca mais.”

No centro das mandalas, soldados moveram engrenagens com pressa. As armas, esculpidas como nagas, apontaram suas línguas para outro ponto entre as nuvens. Monges se recompuseram em lótus nas bordas do diagrama sagrado e assim que, de suas gargantas, vieram os primeiros tons do “aum”, o céu se abriu.

Havia apenas um ponto, um corpo no teto do mundo. Prana caía, estátua de safira em direção ao mar.

Por segundos, sonhou descansar entre os braços de Padma, deitada no lago, à vista do campo. Era tão simples naquele tempo. O sopro nos jambos e nas árvores bodhi. Até pairar sobre a areia seca do Rajastão, deixar saliva e musgo entre as pedras. Era assim. Ele, o fôlego do nascimento. Padma, a beleza da vida. Tudo antes do Kali Yuga ser arrastado do futuro, eras e eras antes do tempo, pelo canto descompassado dos vedas e pelo uso irresponsável dos sutras.

Abriu os olhos. Percebeu-se afastar do céu. Girou o corpo qual tigre e parou. O guizo em seus pés fez o ar tremer.

Abriu os quatro braços e mergulhou rápido, fugindo da perseguição das nagas. Seu corpo doía. Mais por efeito do lixo kármico pairando no céu do que pelo mantra do inimigo. Havia placas negras no azul de sua pele. Feridas e fístulas. Sem Padma, o mundo não respirava, afinal. Padma, a flor de lótus. Sua esposa. Seu amor. Toda a flora morta. E o vento, forçado à condição de hálito da maior das sepulturas.

Os vimanas tomaram o espaço sobre Naravarta em um instante. Seus motores largavam caudas de luz e melodia de flautas no ar. Eram dezenas de lanças do tamanho de casas, com asas igualmente gigantescas e jóias em seus narizes.

O tigre, as vespas.

Os vimanas dispararam mísseis caligrafados. Voaram com o brilho do jade, milhares, contra Prana. Ele berrava trovões, quatro punhos cerrados, correndo sem piso, saltando, esquivando e defendendo. Por três vezes não conseguiu escapar. Duas no ventre, uma na face. Cambaleou pelo caminho, confuso com o brilho das explosões. Não enxergava além da parede do ataque. Foi quando, em um clarão, resolveu parar entre as balas.

Fechou os olhos, cruzou uma das pernas sobre o joelho. Na mão esquerda mais baixa, a meia altura, uniu polegar e indicador. A direita, espalmou com os dedos para baixo. Uniu as palmas restantes como em reza. Concentrou-se. Passou a desviar os mísseis com os ventos do pensamento. Lento, abriu os braços antes unidos e alcançou o arco nas costas. Sacou a divina Vayavastra e apontou-a na direção do enxame. Uma única flecha. Fez-se dia entre os vimanas.

Minutos depois, Arunima conduzia um carro de guerra pelas avenidas do centro devastado. Pôde testemunhar, às suas costas, a cascata de flechas celestiais explodindo edifícios distantes, enquanto Prana disparava mais delas e descia do céu por uma escada invisível. Ela havia ordenado fogo à vontade. Queria tempo para reforçar as defesas do palácio.

“Demônio!”, chorou Arunima, do alto do carro de guerra. “Prana é um demônio solto no mundo, louco com a febre da guerra”, falou para ninguém em específico, apesar de acompanhada por capitães e pelo temeroso Cai Fo.

Foi o embaixador quem respondeu depressa: “Louco, sim. O vento ficou louco com o tempo. De repente e sem aviso, passou de brisa bem-vinda a ventania destruidora. Tão louco que, ao invés de destruir a tudo com suas armas celestiais, deixa todos vivos para um próximo ano”.

“Nem todos”, sussurrou a shátria, sob a lembrança dolorida do ano anterior. Também vestia branco, duas fitas discretas no pulso. Uma grande, outra pequena.

Logo chegaram ao palácio, que já havia sido um templo, chamado Jagannath. A quem ou a quê era dedicado, ninguém lembrava. Hoje, no entanto, era a última defesa contra o temporal. Do lado de fora, canhões, carros de guerra, discos solares e toda sorte de armamentos védicos traçavam um quebra-vento voltado para o amanhecer, tímido além do mar. Soldados tremiam de frio, cansaço e medo, mas mantinham seus postos, firmes não só por suas próprias vidas. O carro de Arunima se colocou atrás das linhas de defesa, perto da entrada do forte. As flechas haviam cessado no céu.

O ar se tornou espesso como névoa nos picos. Estranhamente, não carregava cheiro e embaçava tanto visão como raciocínio. Um por um, homens tombaram em silêncio.

Os que ficaram de pé não esperaram comando para disparar. Feixes e mísseis mágicos a esmo, um caos de luz e estrondo em todas as direções. Arunima gritava cessar fogo, mas pânico falava mais alto. Só percebeu Prana quando já era tarde demais. Dançava por cima dos corpos, lento, o guizo dando o compasso. Ceifava homens como hastes de cana-de-açúcar. Nas cinturas, com uma faca na mão baixa da esquerda. Nos pescoços, com a direita. Uma maça potente, em cima, para os crânios. E Vayavastra sinistra em caso de emergência.

Arunima piscou. Prana pairava à sua frente. Pousou em cima do carro e inspirou com força. O fôlego dos soldados foi tomado de súbito, pulmões vazios se romperam. Ela mesma agonizou vendo a divindade passar impune.

Tentou se erguer. Tentou impedir. Amanheceu em Naravarta. Anoteceu para Arunima.

Acordou no silêncio do desespero. Seu peito doía. Saltou para o chão, o vajra em punho. Entrou no palácio, correu pelos corredores. Seguiu o rastro de corpos. Não resistiu às lágrimas, soluçava de tristeza e raiva. Tropeçou até chegar ao salão principal, abrigo de imagens de deuses mortos, agora convertido em abrigo de refugiados quase vivos.

Encontrou Prana cercado por crianças e mulheres à beira do parto. Sorria para baixo, em direção a um recém-nascido que brincava com jeito inocente. Prana brincava de volta, mostrando uma flor de lótus, meio murcha, e o garoto ria. Prana nem percebeu a ira de Arunima.

“Morra!”, urrou a shátria e o grito foi exorcismo. O vajra brilhou no salão e o raio sem nuvens atravessou Prana, queimando pêlos, pele, sari e lótus.

O sopro divino cambaleou, mas manteve-se de pé. Ergueu o olhar, peito escarnado, ofegante. A flor jazia no chão.

O vento veio lento, no início. Depois, mulheres e crianças foram arremessadas contra as paredes. Corpos estalaram nas pedras. Até Arunima foi erguida do chão. Armadura, roupas, pele, carne, vísceras. O vendaval só parou no branco dos ossos dos mortais.

Prana baixou o olhar. O riso infantil animava a flor semi-destruída. Ergueu a criança nos braços, ainda com o brinquedo, e subiu escadas imensas até o topo do palácio, um terraço de vista antes majestosa.

Olhava sério o futuro dos homens.

Flutuou leve para cima da mureta. Observou a planície devastada ao redor, até onde a vista alcançava e, além dela, até onde corpo e mente podiam viajar. Tomou o cadáver da esposa com carinho. A criança chorou. Pensou em dizer “olhe”, mas poucos entendem quando fala o vento. Além disso, sabia que, jovem ou velho, jamais enxergaria.

Esticou os braços. Estava doente.

Largou a criança cidade abaixo.